

VER-O-PÊSO

PELO seu colorido local, altamente expressivo, misto de docas e de mercado popular, cuja confusão e pitoresco se tornam inesquecíveis, o VER-O-PÊSO constitui um dos aspectos mais característicos do pórtio e da cidade de Belém, a progressista capital paraense, localizada a 120 quilômetros do Atlântico, à margem direita da baía de Guajará.

Com seu animado comércio de verdadeira feira livre, farta e animada, as docas se localizam junto ao boulevard Castilhos França que acompanha a linha do cais de Belém, desenvolvendo-se, assim, o VER-O-PÊSO, ao longo da avenida de Portugal, ao lado direito, desde a rua 15 de Novembro até a rampa que descamba sobre as águas da baía. Acompanha o cais fronteiro à atual praça de Siqueira Campos, antiga praça do Relógio, la-deando, em seguida, a travessa de Marquês de Pombal pelo lado esquerdo. Bem ao centro deste último trecho, uma escadaria desce até a superfície líquida, num magnífico ponto de embarque e desembarque.

Aí, após as primeiras horas da madrugada, conduzidas por autênticos caboclos amazônicos, aportam embarcações de todos os tipos — montarias, palhabetes, veleiros, vigi-lengas — carregadas de peixe e repletas de outros gêneros alimentícios, a fim de abastecerem a capital. Procedem de fazendas e de sítios localizados, em geral, nas proximidades de Belém, ou vêm de zonas afastadas, de Marajó, por exemplo, ou de outras ilhas, mais ou menos distantes.

Pela manhã, bem cedo, as docas do VER-O-PÊSO tomam, então, um aspecto festivo.

Numa esquisita e original confusão, as centenas de embarcações, recém-chegadas, ocupam inteiramente o espaço da doca, atracando, pópa com pópa, proa com proa. Muitas exibem, nas velas respectivas, um colorido típico, marrom ou vermelho escuro. Outras, ostentam, galhardamente, as flâmulas peculiares, atopetadas nos chicotes dos mastaréis.

No cais, em derredor, no chão, na lama, em qualquer lugar disponível, a freguesia já se agrupa para o primeiro contacto com os vendedores. Um vozerio desde logo se estabelece contaminando, dentro em pouco, toda a extensão do cais, fervilhante de gente de todos os tipos étnicos e de todas as condições sociais.

É justamente às cinco horas da manhã, quando vaza a maré, que os barcos, um após outro, rumam para as muralhas límosas e as canoas encaham os cascos num terrível lamaçal. O fato tem a sua explicação. Situando-se as docas num ponto da baía em que se produz o encontro de correntes de diversos rios, e estando grande parte de Belém edificada sobre areias e argilas arenosas, os detritos, precipitados pelo embate das correntes, passam, após, a entulhar as docas; pelo fato de as fundações do cais se encontrarem ao nível médio das marés de sizíguas, qualquer dragagem proveitosa torna-se, assim, impossível, disso decorrendo o aspecto lodoso, que constitui mais uma característica das docas do VER-O-PÊSO.

Na verdade, tirando proveito das primeiras horas da madrugada, quando enche a maré, e valendo-se das condições do vento, então favoráveis, muito antes das cinco da madrugada, já inúmeras, embarcações singram as águas da baía, vindas de ilhotas e lugarejos das redondezas. Compradores e vendedores, proprietários e navegadores, aproveitam, desse modo, a boa posição do VER-O-PÊSO, relativamente às zonas produtoras circunvizinhas. Tal situação, de resto, aproveitada, desde 1617, quando Belém ainda engatinhava com a sua reduzida população de uns cem habitantes, explica a permanência do VER-O-PÊSO, como mercado popular e regional. Desde aquela data, com efeito, já servia o ancoradouro, para a atracação dos barcos. Estes vinham carregados dos produtos dos sítios, esparsos pelo vale fértil do Guajará, aliás, um dos primeiros a receber as incursões dos colonos portugueses, após a fundação de Belém.

Hoje, como dantes, após se valerem das condições favoráveis dos ventos e da maré, as embarcações chegadas às docas do VER-O-PÊSO, recolhidas as velas, logo se aprestam para o trabalho complementar da atracação, na vazante.

Decorrida, assim, tal fase, segue-se logo o primeiro contacto da freguesia com os vendedores. "Uns têm barcos próprios, outros trabalham para terceiros. O desembarque das mercadorias de grande volume, os gritos de estivadores improvisados, as boas qualidades da farinha proclamadas pelo seu dono, assumem um carácter excepcional para quem, como nós — escreveu JOSÉ LEAL — observa pela primeira vez o espetáculo".

O peixe, o feijão, as frutas, a farinha, as galinhas e as tartarugas, os cachos de bacaba e de açaí, os cupuaçus, os cestos de tangerinas, bem como os jacarinhos de abios e os de bacuri, as cordas de caranguejos, as pencas de bananas, as verduras de toda sorte, tudo isso é desembarcado e colocado no chão, ou espalhado por sobre mesas tóscas para o efeito de ser vendido ao povo.

Próximo, no interior do Mercado de Ferro, a mesma cousa, a mesma desordem se reproduz. Os produtos expostos à venda não se restringem aos "locais", isto é, aos espaços delimitados para esta ou para aquela categoria de artigos: também se espalham e se amontoam pelo chão.

Artigos de armarinho, artigos de venda, "locais" para refeições, plantas medicinais, folhetos em prosa e verso, tudo isso pode ser visto no mercado interno do VER-O-PÊSO. Fora, a variedade continua: paneiros de arroz em casca, farinha, abacate, abacaxi, plantas ornamentais, flores diversas.

Dobre-se a esquina do mercado, seguindo o cais, nos seus ziguezagues, e nem por isso deixa a feira de continuar animada e pitoresca, como sempre. Aqui, melado e rapadura; ali potes de barro, jarros, "quartinhas" ou moringas; panelas, alguidares, cabungos ou urinóis; acolá, cuias de Santarém, fumo cheiroso e mortalhas para cigarros. Ao cabo da caminhada, uma só conclusão se poderá tirar: de tudo se vende e de tudo se compra no fabuloso mercado do VER-O-PÊSO.

No próprio interior da feira, aspectos outros e muitas cenas jocosas poderiam ser observados. Pormenores interessantes poderiam ser lembrados por toda a vida. Numa viva e feliz visão sintética, pôde a redação da revista especializada — "SELVA" — focalizar alguns deles: "Uma algaravia infernal povoa aqueles ares, impregnados dos mais esquisitos odores, que vão desde o pituú próprio dos peixes até o cheiro ácido das tangerinas amarelas. É o vozear dos compradores e dos vendedores, os primeiros, apon-tando e pedindo êste ou aquêlo produto preferido, cada qual se esforçando para que a sua voz sobrepuje às dos demais, na pressa de ser atendido; os segundos, exibindo os gêneros de que são portadores, chamando a atenção do povo para isso ou aquilo que vai acabar, apregoando as vantagens dos seus preços. Não raro, nesses momentos, um acidente perturba a rotina da feira flutuante. É quando um outro comprador, menos familiarizado com aquela maneira de comerciar em níveis superpostos, no instante de receber o gênero adquirido, deixa-o escapular de entre as mãos. Assim, quantas vezes, entre o espanto do prejudicado, as risotas dos circunstantes, alvas bolas de tapioca, paneiros inteiros de farinha, esboroam-se sôbre as panacáricas das canoas ou vão cair, de cheio, dentro d'água. Enquanto isso, bem perto, a praça tumultua. De quando em quando, sirenes, apitos, buzinas, cantam no ar como cigarras".

O movimento do antigo pórtico canoeiro, localizado à foz do Piri, o qual separava a aldeia de Capim da taba de Paranaçu e vinha do Igapó de Açaí, desembocando na baía de Guaiara, hoje Guajará, levou o governo colonial a regulamentar os serviços da aduana. Para isso, como elucidou a "SELVA", fez construir uma casa "a pouca distância do rio e de frente para a pequena angra, onde os nativos costumavam aproar suas canoas carregadas dos produtos do interior. Seria a repartição fiscal incumbida de cobrar os impostos devidos pela entrada e saída dos gêneros destinados ao consumo público".

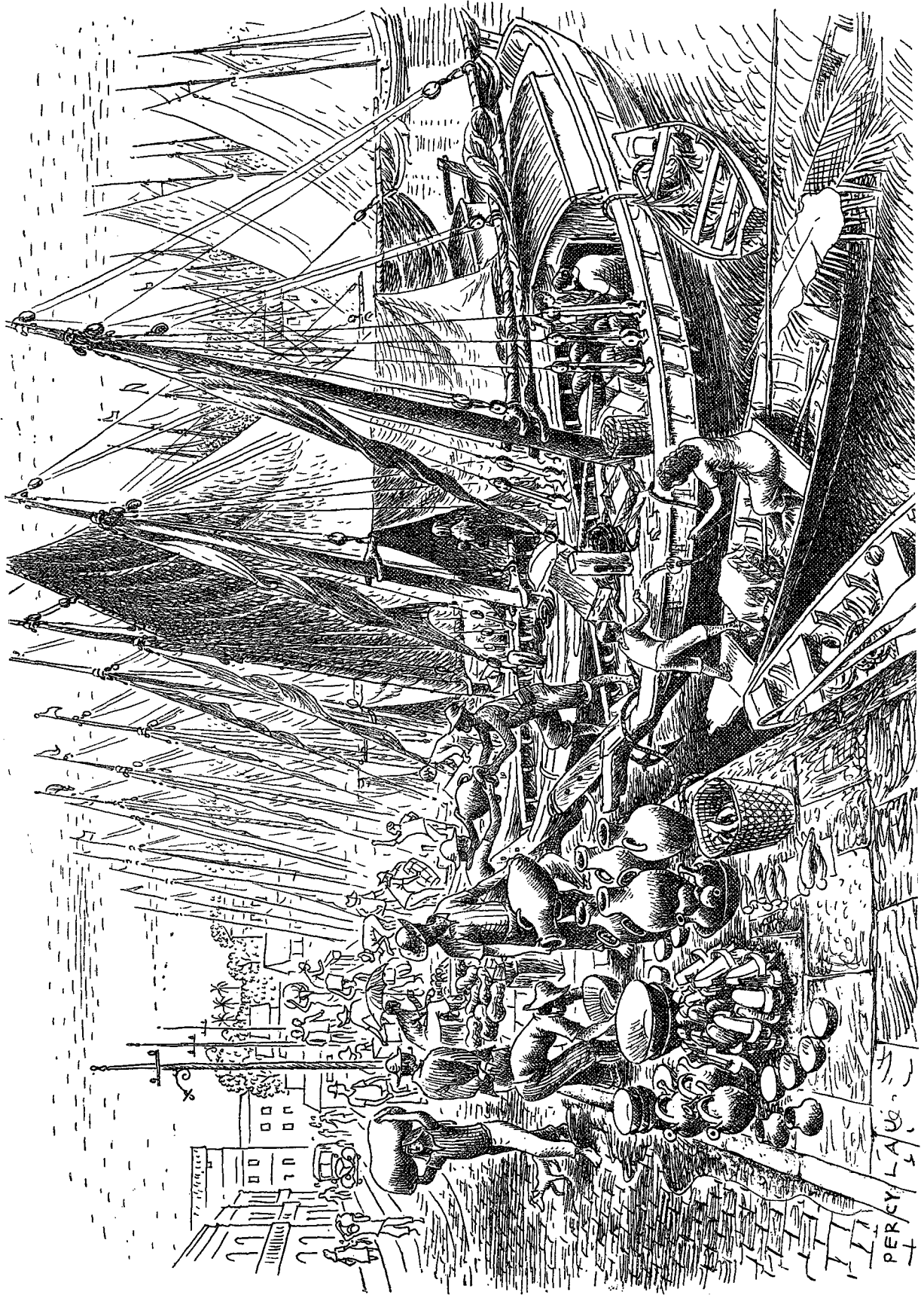
Tal providência causou, naturalmente, certo alvoroço entre os canoeiros até então habituados a comerciar em quase completa liberdade. Agora, com a repartição fiscal, teriam que ir a uma casa "aonde iriam ver o pêso verdadeiro, o vero pêso, das mercadorias. — Vero pêso! — Vero pêso!..." A frase passou posteriormente, a designar a própria repartição fiscal: Casa do Vero Pêso.

"Tal denominação prevaleceu por muito tempo, explicou a "SELVA". O meio, no entanto, esboçava a sua influência sôbre a língua. No idioma bipartido pelo fato cissiparo determinado pelo descobrimento e pela colonização, começavam a germinar os brotos das primeiras diferenciações prosódicas. Aquêlo vero era muito solene, muito rebuscado, muito acadêmico. E veio então, — embora torcendo a precisão do vocábulo face à função que traduzia — a maneira enunciativa mais suave, mais cantante, mais eufônica: CASA DO VER-O-PÊSO".

Com o tempo, VER-O-PÊSO passou a designar, também, toda a área de terreno em derredor, inclusive a doca utilizada pelos canoeiros. Assim, toda a reentrância histórica da baía de Guajará, hoje embutida na cidade, e ao pé da qual se realiza uma das feiras populares mais interessantes do Brasil, passou a ser chamada DOCA DO VER-O-PÊSO.

A permanência de VER-O-PÊSO, através dos tempos, como ponto de embarque e desembarque de mercadorias trazidas por embarcações pequenas, é, sem dúvida, um frisan-te exemplo de como pode um tipo de costa — baixa, recortada e bem servida de rios — ser útil ao homem do povo que, por índole e profissão, é, antes de tudo, canoeiro e mariscador. A costa oferece não só os meios de subsistência, mas, também, elementos de trabalho e comunicações fáceis. Por outro lado, proporciona vantagens de uma posição econômica e estratégica convenientes, capazes de assegurar a cada trabalhador a manutenção de contacto com o território onde plantou o lar humilde e onde vive.

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA.



PERCY LAUGHLIN